

## **A caçada começou: Tecnologia de geolocalização em aplicativos de redes sociais gays<sup>1</sup>**

João MAIA<sup>2</sup>

Eduardo BIANCHI<sup>3</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

### **RESUMO**

Nossa tarefa se concentra em refletir sobre a maneira que determinados elementos culturais “formam” uma sociabilidade popular e comunitária. Investigaremos como determinados suportes comunicacionais, aplicativos de celulares que utilizam a tecnologia de geolocalização, são importantes para a conjunção entre os sujeitos, e, por conseguinte, contribuem para o reconhecimento social e formação das múltiplas territorialidades da cidade. Veremos como os grupos se estruturam pelo mapeamento sensível, ganham força simbólica para assegurar e transmitir as culturas de diferentes tribos das culturas fragmentadas gays.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação, culturas, sexo, tecnologia, gay

### **INTRODUÇÃO E MÉTODO DE PESQUISA**

Nossa pesquisa se orienta pela imersão em campo, *online* e *offline*, no convívio com o objeto. A integração na pesquisa de campo não se origina na construção de perguntas objetivas, que irão ser comprovadas e testadas de maneira definitiva, mas vão realizando-se paulatinamente e sem ter a pretensão de uma integração completa imediata. Observaremos os usos das redes geosociais *Grinder* e *Scruff* (aplicativos de redes sociais direcionadas ao público gay).

Surge um problema metodológico singular onde as condições de pesquisa se tornam uma “variável complexa”, ou seja, onde as percepções e interpretações do observador são expressivas, carregadas de cargas simbólicas históricas. A questão se concentra na maneira de traduzir as estruturas encontradas (observadas) as conjugando com os interesses teóricos.

---

<sup>1</sup> Exemplo: Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação, XIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutor em Sociologia pela Université Paris Descartes. Professor da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – FCS/UERJ. Coordenado do Grupo de Pesquisa Comunicação, Arte e Cidade – CAC.

<sup>3</sup> Doutorando em comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – PPGCOM/UERJ. Membro do Grupo de Pesquisa Comunicação, Arte e Cidade – CAC.

Para fazer surgir os aspectos que estariam supostamente ocultos é necessário manter uma perspectiva teórica que coloque em evidência as estruturas de pertencimento do ator social e ao mesmo tempo manter as interações (Goffman, 1984). É necessário acentuar o fato de procurarmos apoio teórico, relações de sentido que podem explicar nosso conhecimento do mundo, mas sua origem está concentrada nas experiências que se desenrolam no cotidiano, na vida do homem comum que circula pelas ruas, antes da ciência. Assim, as informações recolhidas, a partir de entrevistas abertas, conversas informais constituirão a base para compreender os elementos da “realidade cotidiana”, um sistema livre de entrevista, sem amarras, buscando nas entrelinhas as subjetividades do não dito. Para Canevacci: “subjetividade é *também*<sup>4</sup> abstração, cujos níveis cognitivos são plasmados por razões e emoções, reflexões e expressões”.(2004, p. 139).

Afirmamos a pretensão de trabalhar com um método que seja capaz de explicar cientificamente a ação social, porém preservando em sua base o significado que as ações possuem para os seus atores.

Nos propomos a pensar nosso objeto a partir da investigação sobre as novas concepções e inscrições espaciais que iremos irremediavelmente verificar nas formas das construções do cotidiano que estão se manifestando no presente da cidade.

É claro que não pretendemos visualizar a totalidade cultural em nosso recorte – Rio de Janeiro – dada às zonas de opacidade, de sombras e de imagens plasmáticas oriundas das diversas telas da contemporaneidade.

Visualizamos o homem que se inscreve em meio aos grupos, tribos que compõem a cidade, a transformando-a com seus desejos, sonhos e experiências. Nos interessa trabalhar com o homem que participa da sociedade, exteriorizando suas crenças, no interior do mundo social, e que o interpreta como realidade. Assim, nosso interesse ficará demarcado, delimitado e nosso recorte de pesquisa estará mais bem definido.

A “organicidade presente no social” se formalizará a partir do pensamento de Georg Simmel sobre a noção de “sociabilidades”. Este termo surge para ressaltar os materiais que preenchem a vida, a existência, os movimentos de grupos. Segundo o autor, as sociabilidades são fenômenos que tem vida própria. “São liberadas de todos os laços de conteúdos; existem por si mesmas e pelo fascínio que difundem pela própria liberação desses laços”. (1983, p. 168).

---

<sup>4</sup> Grifo no original.

A socialização é, então, a forma que se realiza seguindo inúmeras maneiras diferentes, graças as quais os indivíduos, em virtude de interesses - sensíveis ou ideais, momentâneos ou duráveis, conscientes ou inconscientes, casualmente agitados ou teologicamente estimulantes – se ligam em uma unidade no seio dos interesses aos quais se realizam. (Simmel, 1981 p.122). Ainda segundo Simmel, são os interesses e as necessidades que fazem os sujeitos se unirem em grupo, “em associações econômicas, em irmandades de sangue, em sociedades religiosas, em quadrilhas de bandidos” (idem), porque não em redes sociais *online*? Para Simmel, a forma lúdica da socialização constitui a sociabilidade. Este pensamento nos induz a desenvolver uma pesquisa empírica que demanda um olhar associado ao posicionamento de outras ciências que também valorizam a “proxemia”, como afirma Maffesoli (1998), assim como a comunicação, para falar de um espaço contemporâneo.

Os pensamentos que valorizam os processos de coesão social, ou seja, os fatores de união, de solidariedade dos grupos nos induzem a valorizar a “organicidade presente no social”. A sociologia do conhecimento nos possibilita recolher de maneira mais orgânica os discursos que possuem sua origem na sociabilidade. A pesquisa e seu objeto são constituídos de elementos plurais e dinâmicos. O local que o homem ocupa não é construído segundo um modelo ideal e linear de desenvolvimento, mas tem sua constituição a partir de elementos heterogêneos e criativos.

Acreditamos na necessidade da utilização da pesquisa netnográfica. A netnografia, o estudo de campo na Internet, uma nova forma de empirismo, é a representação de um trabalho de campo que tem como suporte a conexão digital. O pesquisador muda a estrutura que o representa, sua presença está concentrada em um diferente meio de observação.

Da mesma forma que a etnografia, o pesquisador que faz uso da netnografia necessita se entregar em sentidos. Em uma pesquisa que utiliza a netnografia como metodologia, a sensibilidade do que é visto, do olhar do pesquisador deve ser muito mais atento. A velocidade das informações exige uma atenção multiplicada, os contextos se perdem rapidamente em meio as rápidas trocas de mensagens e tantos outros recursos comunicacionais empregados *online*. Nossa netnografia será feita a partir de uma possível demanda, afinal, estará em nossas análises os usos dos aplicativos de redes sociais. Teremos como base os aplicativos *Grinder* e *Scruff*, redes sociais direcionadas para o público gay.

## MULTITERRITORIALIDADES E AS REPRESENTAÇÕES COMPARTILHADAS

Nossa investigação tem como ponto de partida as “representações”. Segundo Pesavento (2003), as representações são construções a partir do real, uma construção social e subjetiva, são portadoras do simbólico, carregam sentimentos e têm a capacidade de se ver como a própria realidade. Assim, buscaremos problematizar as representações que se elaboram na rua, nos espaços públicos da cidade do Rio de Janeiro e como elas reterritorializam, por meio de ações sensíveis dos diferentes grupos. Transformando, por disputas, negociações ou ausência de embates, as culturas da cidade e suas territorializações.

Nos interessa pensar as multiplasteritorialidades que compõem os espaços públicos, como os diferentes grupos que os apropriam e os ressignificam, sendo a territorialidade emocional nossa base de pesquisa. Para Haesbaert (2010), as territorializações se dariam com as relações de domínio e apropriação do espaço, ou seja, nossas mediações espaciais do poder, poder em sentido amplo, que se estende do mais concreto ao mais simbólico. Apropriações que se dão pelos usos das materialidades e, por conseguinte, atribuindo-lhes novas subjetividades que são compartilhadas de forma cotidiana, por assim dizer, concedendo-lhes sentimentos a partir de emoções vividas.

No dia 11 de janeiro de 2013, o Jornal The New York Times elegeu as 46 cidades para se visitar em 2013<sup>5</sup>, a Cidade Maravilhosa está no topo da lista. Mas de onde vem esse reconhecimento? Porque a cidade do Rio de Janeiro retoma seu destaque no cenário nacional e internacional? Faz tempo que não é a capital federal, continua não sendo o centro econômico do país, apesar de demonstrar seu crescimento. Sim, é verdade, o Rio de Janeiro é sede de jogos da Copa das Confederações e da jornada da juventude, ambos eventos de 2013, (esse último ligado à igreja católica), será palco da final da próxima Copa do Mundo de Futebol, dentre outras partidas, e é a próxima cidade olímpica que receberá, em 2016, atletas de todos os cantos do mundo.

Esses são eventos destacados pela matéria do The New York Times, para dar aval, ratificar e legitimar suas escolhas. Contudo, percebe-se uma superficialidade no que tange

---

<sup>5</sup> [http://www.nytimes.com/interactive/2013/01/10/travel/2013-places-to-go.html?\\_r=0](http://www.nytimes.com/interactive/2013/01/10/travel/2013-places-to-go.html?_r=0)

as representações e, por assim dizer, o imaginário que se funda à cidade do Rio de Janeiro. Os eventos deslumbram a cidade, a recolocam em cena, mas para ser escolhida como sede das festividades precisou-se destacar suas qualidades. Foram destaques: a rua e seu povo.

A proposta desse trabalho é pensar a cidade e suas múltiplas identidades, mas para além disso, é refletir os fragmentos culturais de nosso tempo. Nos propomos a pensar a cidade por seus espaços ressignificados, ou seja, buscamos, nas atribuições simbólicas, as territorialidades que refletem a emoção, a sensibilidade do estar-junto. Assim, decidimos por um recorte específico para o estudo que estamos apresentando. A partir de agora, veremos a emergência dos fragmentos das culturas que compõem a cidade do Rio de Janeiro. As culturas das territorialidades gays, amplificadas pelo uso da tecnologia de geolocalização que estão embutidas nas redes sócias de aplicativos de smartphones e tablets.

## **GEOLOCALIZAÇÃO E MUDANÇA NOS ESPAÇOS SENSÍVEIS DA CIDADE**

A cidade do Rio de Janeiro foi eleita em 2009, segundo a 10ª Conferência Internacional de Turismo LGBT<sup>6</sup>, o melhor destino gay do mundo. Em 2010 e 2011 foi eleita como o destino gay mais sexy do mundo. “A eleição foi realizada pelo site TripOutGayTravel.com, em parceria com a MTV americana”<sup>7</sup>.

Acreditamos em uma cultura da rua que se quer lenta e relacional, mas que se apropria da tecnologia para dinamizar o prazer e o gozo. Os suportes (smartphones e tablets), que munidos de aplicativos específicos (baixados nas lojas *online*, específicas para cada sistema operacional), precipita as conversas e potencializa a possibilidade da prática sexual.

Discutiremos os modos de utilização dos instrumentos de comunicação a partir dos usos da Internet, com seus aplicativos. Nos interessam as redes geosociais de aplicativos de telefones celulares<sup>8</sup> como *Grindr*, *Scruff* apropriados pelos usuários dessas tecnologias. Percebendo, portanto, esses dispositivos móveis como elementos de “coesão social”.

Os aplicativos, aqui estudados, são meios rápidos, simples, gratuitos (em sua maioria) para encontrar e conhecer pessoas gays, bissexuais e curiosas, para amizade e/ou encontros sexuais, em sua maioria.

---

<sup>6</sup> <http://www.revistaturismoenegocios.com/materia.php?c=304>

*Grindr* e *Scruff* são aplicativos, chamados de rede geosocial, para smartphones, pode ser usada apenas no *iPhone*, *iPod touch*, *iPad*, *Blackberry OS*, e o sistema operacional *Android*, com downloads em lojas virtuais. São aplicativos que utilizam GPS (sistema de posicionamento global), ou seja, eles localizam pessoas que usam o mesmo aplicativo. O *Scruff* apresenta um sistema que possibilita conversar com pessoas de todo o mundo, ampliando as possibilidades das relações sociais. Pode ainda fazer simulações de localização, por exemplo, o usuário substitui a cidade de origem, por uma que gostaria de estar, ele pode conversar com outros usuários dessa mesma cidade. Um outro exemplo, bem mais objetivo, é a possibilidade de substituir a cidade de origem por uma de destino, como a de uma viagem, nesse caso, o usuário já pode conhecer perfis, trocar mensagens, fotos e marcar seus futuros encontros.

Através de uma interface simples que exibe uma grade de imagens representativas dos usuários, dispostos a partir do mais próximo a mais distante. Selecionando uma imagem, um breve perfil do usuário será maximizado (idade, altura, distância que se encontra do observador interessado), bem como a opção de bate-papo, envio de fotos e do mapa que localiza (esse último recurso presente apenas no *Grindr*) onde o usuário se encontra atualmente, mostrando a distância entre os que estão se comunicando.

Frisamos que nossa proposta está no uso desses suportes de comunicação, como elementos agregadores, “objetivando” vínculos afetivos como: amizade, encontros e sexo. Além dessa união causada pela circulação da informação assumimos que o uso das tecnologias de informação e comunicação (TICs) servem como base para um novo modo de inscrição dos atores sociais no sistema de produção da cultura e de sociabilidade.

Vislumbra-se a força das culturas dos atores sociais como fonte das identificações dos grupos, preservando através do trabalho de ressignificação que se realiza nas organizações culturais do cotidiano. Percebemos o cotidiano como a valorização do local e privilegiando o agora das interações, formando laços sociais.

Michel Maffesoli acredita que vivemos um momento do “mistério das conjunções” (2009), onde encontramos uma fragmentação, os sujeitos se agrupam, se reconhecem pelas necessidades, pelos desejos comuns. Para o autor vivemos uma “ética da estética”, um “estar junto” por que valoriza o prazer de querer viver, base para as expressões das emoções coletivas.

Ainda segundo Maffesoli, estamos em um momento para se pensar o “ideal comunitário” (2012), em que o indivíduo se dilata, onde o *je* é percebido no *nous*. As

experiências comunitárias se dão em troca, pelo compartilhamento das sensações, dos desejos carregados de simbólico. Percebe-se o desejo na organicidade da vida, na vontade se reconhecimento e troca de emoções.

Graças à web, às redes comunitárias, aos fóruns de discussão e outros blogs, acessamos não mais "um outro mundo", mas sim "um mundo outro". Isto é, um mundo que faz parte das dimensões que o racionalismo moderno deixara de lado. Falo de tudo o que diz respeito à dimensão lúdica, onírica, imaginária da existência. É essa ligação entre o "arcaísmo" e o desenvolvimento tecnológico que me leva a não compartilhar o pessimismo que se dissemina entre as elites sociais. Existe hoje, em particular entre as jovens gerações, uma inegável vitalidade, que se exprime em novas formas de solidariedade e de generosidade. A web favorece antigas formas de hospitalidade, que foram a marca das sociedades pré-modernas (Maffesoli, 2012).<sup>9</sup>

Assim, esta pesquisa volta-se à problemática, análise e reflexão sobre as diversas formas de sociabilidades que servem para afirmar o papel da cultura que se elabora a partir dos movimentos comunicacionais do dia a dia.

Nos interessa, primeiramente, investigar a forma como o homem inventa o seu "lugar" de vivência e reconfigura seu cotidiano. Iremos elaborar questionamentos sobre as maneiras com as quais os homens interagem e criam laços sociais para dar sentido a determinados grupos, em ações culturais que legitimam o espaço a ponto de denominá-lo como um "lugar de cultura". As diversas sociabilidades, tendo como base a cultura, serão pontos de observação durante a pesquisa. Através de categorias tais como: "cotidiano", "grupo/tribo", "velocidade e lentidão" e "rede" - poderemos apreciar o homem transformando, negociando de diversas formas com o outro a construção do sentido do local, através dos usos dos espaços da cidade, territorializando-os e lhes dando sentimento e ambiência ao lugar. Devemos ressaltar que tais categorias estarão na base de nossa reflexão para a construção de ressignificações dos conceitos que desenvolveremos na pesquisa.

Assim, podemos dizer que o "cotidiano" serve para estudar as representações que compõem a cidade, construindo seus imaginários que compartilham pelas ideias fraternais, uma conjunção misteriosa que se responde pela emoção, pelo gosto, pelo prazer compartilhado. Segundo Maffesoli,

As discussões do café do comércio, as banalidades da vizinhança, as tiradas e as saudações que pontuam os trajetos cotidianos, sem esquecer o corpus de sentenças e de provérbios que servem a toadas as ocasiões da vida, tudo isso se baseia na obsessão pela verdade, *adequatio rei ad intellectum*, nem funciona pela busca tetânica de um processo dialético, mas, ao contrário, apresenta uma bonomia que sabe que diante da derelidação da finitude há coisa melhor a fazer do que apostar a vida em ideias, seja qual for a solidez conceitual. (2009, p. 50)

---

<sup>9</sup> <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/514073-a-espiral-de-maffesoli>

A história cotidiana e do homem comum servem para clarificar a inscrição do sujeito na sua cidade, e, em nosso caso, no panorama cultural gay do Rio de Janeiro. Percebemos, ainda, como o conceito de “grupo/tribo”, pode ser encarado como a estrutura para a reflexão acerca das organizações culturais construídas em “redes”. Pensamos os jogos de tensão que se estabelecem na luta pelo poder simbólico e de representação da cidade junto as territorializações e reterritorializações contínuas de seus espaços públicos. Vemos as negociações e roçaduras como parte intrínseca ao “ideal comunitário” (Maffesoli, 2012), necessários para os reconhecimentos limítrofes de poder sobre o espaço. Observamos os movimentos entre a “velocidade e lentidão” dos fluxos informacionais circunscritos na rua, nos encaminhando a refletir sobre os movimentos comunicacionais que evocam a constituição da sociabilidade comunitária.

Buscaremos apoio teórico e metodológico em várias áreas do conhecimento que dialoguem com a Comunicação: Sociologia, História, Geografia. A apreensão detalhada das diversificadas e múltiplas estratégias de comunicação que os grupos urbanos vêm utilizando para a recriação de seus laços de identidade, pertencimento e territorialidade no mundo urbano contemporâneo nos interessa nesse trabalho de maneira intensa.

## **TEMPORALIDADES TEMPORÁRIAS E NOVAS FORMAS DE EXPERIÊNCIA**

Diante da fragmentação cultural e da efervescência dos processos informacionais surge um novo tipo de sociabilidade que se estabelece entre os indivíduos na cidade contemporânea. As relações entre os homens, nos induz à pensar sobre os fluxos comunicacionais que ora evocam a fluidez e a celeridade, mas em outros momentos sugerem enraizamentos, uma fixidez, uma territorialização do espaço urbano que é compartilhado, negociado e ressignificado junto ao dinamismo contemporâneo.

As ideias, os produtos da cultura e os costumes do homem comum, do homem que vive em meio à rua junto aos outros sujeitos, criando laços, afetos, e ambiências, agregam valores à constituição cultural da sociedade como um todo. A cidade se agiliza e se mostra como um campo fértil para a velocidade da informação, mas viver no sistema em rede acontece o processo de resistência das relações compartilhadas no aqui e agora constituindo a cultura das ruas, dos bares e das praias com seus tempos lentos do lazer e do descanso.

Os movimentos comunicacionais e os fluxos informacionais, que circulam na cidade, são, também, negociados pelos atores sociais que comungam interesses e desejos



comuns, reivindicam maneiras de pensar o mundo a partir de seus estilos de vida. Segundo Guiddens, estilo de vida é “um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça, não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular da auto-identidade” (2002, p.79).

Pensamos para além das “formas materiais” que Giddens descreve. Essas materialidades, que delimitam as práticas do cotidiano, ganham novos usos, novos valores simbólicos, pois são impregnados de sentido, de valores emocionais, fazendo-se assim, pela sensibilidade. Os atores se apropriam do espaço público demarcando-o como posse, uma territorialidade simbólica, uma imaterialização sensível dos espaços da cidade. Pensamos essa “auto-identidade” em constante reformulação, baseada por sociabilidades, pelas trocas de informação que circulam pela cidade comunicacional. Acreditamos em uma relação de identificação, que reconfigura as transformações pelas quais os sujeitos contemporâneos passam.

Os homens contemporâneos, comunicacionais, carregam, junto com seus modos de ser e estar no mundo, informações produtoras de sentido, que pautadas por significações ambientam a cidade. Constrói-se, com as experiências que ambientam os diferentes meios sociais, territorialidades, que quando pensadas junto aos suportes de comunicação móveis se fazem temporárias – não frívolas, mas ágeis, transitórias que fazem parte das novas formas de se fazer histórias.

Percebemos temporalidades distintas nas localidades que se deslocam. “Com a atual fase dos computadores ubíquos, portáteis e móveis, estamos em meio a uma ‘mobilidade ampliada’, que potencializa as dimensões física e informacional” (Lemos, 2011, p. 17). A mobilidade dos espaços que se movem, através suportes de comunicação móvel, propiciam novas formas de experiências na cidade.

Essas mídias movediças, virtualizadas (mas que não perdem seu caráter físico e presencial), possibilitam múltiplas conexões e fazem parte do cotidiano de forma irrestrita. A tecnologia da velocidade, também apresenta seu tempo de lentidão. Os locais de seus usos (espaços ambientados) determinam a velocidade das apropriações e ressignificações das práticas sociais *online*.

A praia com sua lentidão do lazer, descanso, lugar de namorar, relaxar ouvindo música e das práticas de esportes náuticos ou de areia, são, também, espaços de digitalização da vida. Nos momentos de descanso e descontração, uma imagem pode ser captada e fazer parte do perfil de uma rede social online, mensagens podem ser trocadas

com amigos, encontros podem ser marcados. Isto é a vida virtualizada, experiências do cotidiano que se transfigura em informação, em troca e sociabilidade.

Os frequentadores dos bares, das praias, os que vão para beber com os amigos, os que vão para namorar, imprimem distintos ritmos ao processo acelerado da cidade. Os produtos das culturas servem como suporte para pensar as relações sociais que se estabelecem vagarosamente de maneira localizada e próxima. Contudo, com as tecnologias de informação e comunicação móveis, os localismos se refazem pelas cartografias que se transfiguram pelo movimento das mídias locativas.

Os fluxos presentes no ritmo acelerado das informações, nas múltiplas conexões que se estabelecem via telefones celulares, conectados a Internet, interligados em mensagens instantâneas, penetram os espaços da rua, assim, transformam as experiências dos sentidos, refazem a cultura local. Os usos de redes “geosociais” funcionam como agentes que agregam, são facilitadores das sociabilidades.

Vamos discutir como são criados alguns valores característicos da cultura contemporânea, vistos como vetores de agregação, coesão e estabelecidos cotidianamente, a partir do uso do material da cultura tecnológica.

## **AS REDES E AS PRÁTICAS: PEGAÇÃO CONECTADA**

Problematizamos a cultura, as relações de sociabilidade que se configuram no espaço público da rua, a cultura do dia a dia, a sociabilidade do cotidiano. A cultura do homem comum que se transforma suas ações em projeção de sua vida em meio às redes sociais do mundo contemporâneo. Esse homem que se apropria das técnicas e lhes atribui subjetividade, construindo suas histórias junto à cidade.

Recuero (2010) nos ajuda a estudar as redes sociais da Internet como forma de problematizamos as relações sociais de laços *multiplexos*, no qual os sujeitos apresentam interação em diferentes espaços e sistemas, ou seja, *on* e *offline*. Nos motiva, portanto, perceber os usos dos aplicativos “rede geosociais” como agentes agregadores, suportes para a sociabilidade.

Nos interessa investigar como as histórias circulam pela rua, através das diferentes formas de narrativa, contadas a partir das distintas experiências atreladas aos suportes de mídias móveis. O que nos motiva são as representações da rua ocupada pelos atores sociais. O que salta aos olhos é a exuberância da rua com seus frequentadores, a sociabilidade que

se configura e a cultura que se apresenta. O que leva aos usuários das redes sociais de geolocalização voltadas para encontros, saírem de suas casas a qualquer hora do dia para práticas sexuais.

Questionamos como esses atores sociais buscam nas “brechas” do dia a dia formas de esquivar das “estratégias” “impostas”, como afirma De Certeau (1994), e, assim, como buscam na porosidade do cotidiano manipular o velho e transformá-lo em algo novo, que esteja dentro do imaginário dos grupos que os atores se inserem. Como o cotidiano é transformado por eles, através da criatividade nas artimanhas que os impulsionam à posição de consumidores e produtores da cultura urbana carioca. Estamos nos remetendo às múltiplas formas de se comunicar, de se colocar para o mundo. São as infinitas formas de narrativas que nos guiam a perceber os usos: dos corpos, dos andares, dos mapas (caminhos e desvios), das palavras escolhidas, de como elas são ditas e por quais meios elas são usadas, como a tecnologia auxilia na configuração desse homem e suas relações com os outros e como a amizade, a simplicidade do ato sexual casual e as relações podem perdurar.

Buscamos, no cotidiano, um estar junto (Maffesoli, 2010), compartilhando e configurando a rua, a cidade. Esses grupos, com seus diferentes tipos, se posicionam e se impõem. Fincam suas bandeiras coloridas pela praia de Ipanema e andam com elas estampadas em suas roupas. Demarcam suas territorialidades em meio ao vivido, na imaterialidade das experiências, suas áreas de influência, reivindicam seu poder local. É essa cultura que se transforma e se fragmenta, que desliza nos seus significados e que está em constante transformação. Esse é o produzir cultural, que ressignificam seus cotidianos através da cultura comunicacional. Corpo, beleza, tecnologias são questões que nos ajudaram a entender as relações sociais que se dão nos espaços da cidade, influenciados pelas tecnologias móveis.

O corpo nu ou adornado é um importante meio de comunicação quando pretendemos estudar esses aplicativos. É o corpo, disposto nos perfis das redes sociais, que chamam a atenção no primeiro olhar. Os aplicativos têm por norma de uso, punir com exclusão do perfil, o usuário que colocar imagens de corpos nus. Mas para se burlar esse impedimento, muitos são os membros fálicos eretos sob as cuecas, toalhas de banho e lençóis. São as táticas, as artes de fazer com as possibilidades, tomadas pelas astúcias que, possibilitam, trapaceiam as estratégias, as normas e diretrizes verticalizadas. Os sujeitos recriam sobre as regras e impõem suas vontades através de apropriações criativas.

Aqui, a “ética da estética” é a aparência dos peitos expostos, dos volumes entre as pernas, dos rostos e de muitos corpos sem suas respectivas cabeças. Nem todos mostram o rosto, são muitos os corpos sem rosto. Surge, assim, o desejo de descobrir o que está inebriado, escondidos, velado pelas diferentes convenções sociais - familiar, cultural, social, sexual – muitos homens casados, noivos ou namorando em relações heterossexuais, tem seus perfis nessas redes, muitos buscam sexo com “descrição”<sup>10</sup>.

São diversas as formas de apropriação e utilização dos instrumentos de comunicação móveis, com os telefones celulares *smartphones* e suas variações de uso, pelos quase infindáveis aplicativos, que buscam agradar os mais diferentes e excêntricos gostos e necessidades. Estando esses suportes de comunicação conectados a Internet, mostram muitas das potencialidades desses instrumentos de comunicação e informação. Dentre essas tantas possibilidades, estão as redes geosociais. Redes sociais de “coesão e auto-afirmação social”, produtoras de sentido e reconhecimento pelo “estar junto”, que se deslocam pela cidade, traçando rotas, desenhando mapas, criando uma cartografia dos sentimentos. As mídias que se locomovem reconstróem simbolicamente a cidade pelo reconhecimento dos espaços que se reconfiguram em lugares experienciados, lugares de trocas de experiência, lugares de um ludismo de prazer.

Locais de passagem, como aeroportos e rodoviárias, se refazem pela sensibilidade. Não há monotonia nas salas de espera, as mensagens são trocadas e os primeiros encontros podem ocorrer ali mesmo, ou nos reservados dos banheiros. Rafael<sup>11</sup> conta como teve uma experiência no aeroporto do Rio de Janeiro. Um atraso de duas horas de espera poderia ser tedioso, mas não foi o que ocorreu. Rafael narra sua experiência pela necessidade de relaxar. Morador do Rio de Janeiro, conta que estava irritado por não ter informações sobre seu vôo para Buenos Aires. Viagem a passeio que estava fazendo com amigos, aparentava ficar comprometida, os amigos haviam embarcado por outra companhia aérea. Enquanto esperava o momento de embarcar no avião, estava no saguão de espera do aeroporto internacional Galeão, no Rio de Janeiro. Já havia passado pelo *Free Shop* e comprado perfume e chocolate, estava entediado. Decidiu postar sua insatisfação pelo celular no *Facebook*, enquanto escrevia pelo celular, escutou o barulho de mensagem do *Scruff*. Rafael havia chamado a atenção de alguém. Trocaram algumas mensagens, algumas fotografias e decidiram se encontrar, sim, a outra pessoa estava no mesmo saguão. Conversaram pessoalmente e a conversa esquentou os desejos, que não formam possíveis de serem

---

<sup>10</sup> Descrição é a palavra amplamente usada nesses casos específicos.

<sup>11</sup> Rafael, 27 anos, estudante (entrevista concedida em 27 de março de 2013).

controlados. “Convidei ele pra ir no banheiro e ele aceitou [...] fiquei com medo de ser roubado, sei lá... tem tanto maluco por aí, e vamo combinar, ladrão não tem cara... e que cara, ele era um tesão.” Rafael é bastante detalhista, e aparentava gostar de contar com detalhes a experiência. Disse que foi ótimo, mas achou uma pena “nem eu nem ele tinham camisinha”, e fez cara de triste, mas completa: “Só não rolou penetração, mas de resto... foi *Ótemo*”<sup>12</sup>. O entrevistado contou que nunca mais teve contato com o “cara do banheiro”: “Foi só pra aliviar”, frisa Rafael.

As tecnologias móveis possibilitam conectar-se com alguém que está em uma rodovia, passando há poucos quilômetros dentro de um ônibus e descobrir um novo romance. Em uma entrevista, José<sup>13</sup> contou que estava em uma viagem para descansar, um dia ligou seu perfil no *Grinder* e começou a conversar com um outro usuário, esse estava voltando para a mesma cidade de José, Rio de Janeiro. A conversa fluiu bem, dias depois marcaram um encontro, houve reconhecimento pelos gostos, o sexo foi bom e, pouco depois começaram a namorar. “Esse brinquedinho<sup>14</sup> é ótimo [...] funciona super bem”.

Felipe tinha acabado de fazer sua série na academia de ginástica, foi para o banho, eram quase onze horas da noite de uma terça feira. Apenas ele e um outro homem estavam no vestiário. Felipe conta que fez um breve cumprimento com a cabeça, e disse um “Oi”, que quase não se pode ouvir, conta que foi fortemente encarado pelo outro sujeito e que retribuiu. Tirou a roupa, pegou a toalha na mochila e entrou no box para tomar um banho e tirar o suor. O outro homem entrou ligou o chuveiro ao lado, jogou a toalha sobre a porta, Felipe conta que em segundos eles estavam compartilhando a mesma ducha. Os corpos se roçaram e houve uma explosão orgástica. “Depois de terminar fui pra casa [...] Dois dias depois liguei o meu *Grinder*, conversei com um carinha que mora perto de mim... já tinha falado algumas vezes, mas nunca rolou nada. [...] Mas dessa vez decidimos que íamos nos encontrar. Foi minha surpresa quando trocamos fotos, já tinha trocas foto de pau e bunda, mas nunca de rosto... era ele, era o cara do banheiro da academia... Foi muito engraçado”. Felipe conta que, depois dessa conversa, ele e Bruno (nome do homem da academia) ficaram amigos e nunca mais tiveram relações sexuais. “Perdi uma foda, mas ganhei um amigo... Tá valendo”.

<sup>12</sup> “Ótemo” está grifado, pois quisemos colocar um pouco de oralidade na transcrição. Nesse momento da conversa, o entrevistado enfatizou a palavra ótima.

<sup>13</sup> José, 42 anos, professor (entrevista concedida em 15 de janeiro de 2013)

<sup>14</sup> Brinquedinho é como José chama a rede social *Grinder*.

As tecnologias móveis estão ajudando a redesenhar os espaços da cidade. Os atores sociais reocupam a cidade pelos mapeamentos que traçam pelos desejos dos encontros. Percebemos os usos desses aplicativos pela cidade de forma indistinta: shoppings, praças e praias, nos ônibus e nos bares. São muitos os casos em que vemos homens nos cantos das boates fazendo suas caçadas<sup>15</sup>, que podem terminar pelas pistas de dança, nos banheiros das boates, nos quartos dos motéis ou nos das próprias casas. Em dias menos felizes, podem acabar em nada, afinal, nem todo dia é dia do caçador, neste caso, nem da caça.

As redes de “pegação” podem ter diferentes apropriações, isso vai depender dos usos e das necessidades dos momentos. As relações podem ser mais frívolas, no sentido de passageira e não, necessariamente, fúteis. Talvez sejam mais superficiais no que tange as emoções mais românticas, mas não menos intensas. Rafael é nitidamente intenso em suas emoções, vemos pelo entusiasmo em que conta sua experiência, tem intensidade ao se jogar para a vida.

## REFERÊNCIAS

CANEVACCI, Massimo. **Cidades Polifônicas: Ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana**. São Paulo: Studio Nobel, 2004.

De CERTEAU, Michel: **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

GOFFMAN, Erving. **Lês rites d’interaction**. Paris, Minuit, 1984.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

LEMO, André. **Mobilidade e espaço urbano**. (In): BEIGUELMAN, Giselle; La FERLA, Jorge. **Nomadismos tecnológicos**. São Paulo: editora Senac São Paulo, 2011.

MAFFESOLI, Michel. **Homo Eroticus: Des Communions émotionnelles**. CRS editions: Paris, 2012.

\_\_\_\_\_. **O Mistério da Conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

\_\_\_\_\_. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

---

<sup>15</sup> Expressão usada por muitos gays que quer dizer busca de encontros.

SIMMEL, Georg. **Sociologie et épistémologie**. Paris: P.U.F., 1981.

\_\_\_\_\_. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

[http://www.nytimes.com/interactive/2013/01/10/travel/2013-places-to-go.html?\\_r=0](http://www.nytimes.com/interactive/2013/01/10/travel/2013-places-to-go.html?_r=0)

<http://www.revistaturismoenegocios.com/materia.php?c=304>

<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/514073-a-espiral-de-maffesoli>